

ENTRE AS LINHAS



JODI PICOULT & SAMANTHA VAN LEER
Ilustrações de Yvonne Gilbert e Scott M. Fischer

ENTRE AS LINHAS

Tradução de
RITA CARVALHO E GUERRA



BERTRAND EDITORA
Lisboa 2017

Para Ema,
Que será sempre a heroína
da minha história.
Com amor,
Sammy

Para Tim,
Porque por vezes
os contos de fadas
tornam-se *mesmo* realidade.
Com amor,
Jodi

Uma Nota de Jodi Picoult

Estava em digressão por Los Angeles com um dos meus livros quando o meu telefone tocou. «Mãe», disse a minha filha, Sammy. «Acho que tenho uma ideia bastante boa para um livro.»

Não se tratava de algo extraordinário. Dos meus três filhos, Sammy sempre fora aquele cuja imaginação não tinha paralelo. Enquanto os outros miúdos brincavam com animais de peluche, Sammy espalhava os brinquedos pela casa e criava cenários elaborados — o ursinho de peluche estava ferido e preso no cimo do monte Everest e era preciso enviar um cão de resgate para subir até ao topo e salvá-lo. Na segunda classe, o professor de Sammy pediu-me que escrevesse no computador um conto dela. Aparentemente tinha quarenta páginas. Enviou-mo para casa com a minha filha e eu estava à espera de ler um fluxo desconexo de palavras — em vez disso, acabei por ler uma história francamente coesa sobre um pato e um peixe que se encontram num lago e se tornam melhores amigos. O pato convida o peixe para jantar e o peixe diz que adoraria

ir. No entanto, o peixe começa a sentir algumas dúvidas: *E se eu for o jantar?*

A isso, minhas senhoras e meus senhores, chama-se CONFLITO, e é algo que não se ensina. Ou se nasce um contador de histórias ou não, e a minha filha — aos sete anos — parecia ter um sentido intrínseco de como criar tensão literária. A criatividade de Sammy continuou a florescer à medida que ia crescendo. Os seus pesadelos eram tão vívidos que poderiam rivalizar com os romances de Stephen King. Durante a adolescência, escreveu poesia que me fez vasculhar o fundo do baú em busca dos meus velinhos diários poéticos — apenas para descobrir que ela era muito melhor escritora do que eu alguma vez fui nessa fase.

Por isso... quando Sammy me disse que tinha uma ideia interessante para um livro, ouvi-a atentamente.

E sabem que mais? Ela tinha razão.

E se as personagens de um livro tivessem vida própria depois de virada a última página? E se o ato de ler não fosse mais do que essas personagens a participarem numa peça, uma e outra vez... mas essas personagens não deixassem de ter sonhos, esperanças, desejos e aspirações para lá dos papéis que desempenhavam, diariamente, para o leitor? E se uma dessas personagens desejasse desesperadamente sair do livro?

Melhor ainda: e se um dos seus leitores se apaixonasse pela personagem e decidisse ajudá-la?

«Mãe», disse Sammy, enquanto eu me arrastava pelo trânsito de Los Angeles. «E se escrevêssemos o livro juntas?»

«Está bem», respondi-lhe, «mas isso significa que *nós* vamos escrevê-lo. Não eu.»

O que se seguiu foram dois anos de fins de semana, férias escolares e tardes passadas lado a lado, ao meu computador, arquitetando diligentemente uma história. Acho que Sammy ficou surpreendida pelo trabalho árduo envolvido em estar sentada e imaginar durante horas a fio; pelo meu lado, aprendi que, se acham que é difícil convencer a vossa filha a limpar o quarto, é ainda mais difícil convencê-la a manter-se concentrada e a terminar um capítulo quando o tempo está agradável lá fora. Escrevíamos à vez e dizíamos literalmente todas as falas em voz alta. Eu dizia uma, depois Sammy avançava com a seguinte. Os momentos mais divertidos eram aqueles em que nos atropelávamos uma à outra e descobríamos que estávamos a pensar a mesma coisa — era como se estivéssemos a ter o mesmo sonho, de tal maneira que, no ato de escrever, éramos telepáticas.

Por vezes, quando estou a ler um grande livro, penso: «Uau, quem me dera ter sido eu a imaginar esta narrativa.» Tem sido uma honra ter a mesma reação quando a narrativa foi concebida pela minha própria filha. Quando Sammy me telefonou com a sua ideia, achei que era espantosa. Espero que, ao ler *Entre as Linhas*, também ache o mesmo.



O INÍCIO

Era uma vez, numa terra muito, muito distante, um bravo rei e uma bela rainha, que estavam tão apaixonados que, onde quer que fossem, as pessoas paravam o que estavam a fazer só para os ver passar. As mulheres dos camponeses, que discutiam com os seus maridos, esqueciam de súbito o motivo da sua zanga; os rapazi-nhos, que prendiam aranhas nas tranças das rapa-riguinhas, tentavam antes roubar-lhes um beijo; os artistas choravam, pois nada do que pudessem criar na tela se aproximaria da pureza do amor entre o rei Maurice e a rainha Maureen. Diz-se que, no dia em que descobriram que iam ter um filho, um arco-íris mais brilhante e grandioso que alguma vez se avistara ergueu o seu arco sobre o reino, como se o próprio céu agitasse uma bandeira de alegria.

Mas nem todos estavam felizes pelo rei e pela rainha. Numa gruta na extremidade mais distante do reino, vivia um homem que repudiara o amor.

Quando nos queimamos uma vez no fogo, não saltamos de novo para as chamas. Certa vez, Rapsclullio esperara viver o seu próprio conto de fadas, com o seu final feliz, com uma rapariga que olhara para lá do seu rosto marcado e dos seus membros retorcidos e lhe mostrara simpatia quando o resto do mundo não o fazia. Na sua mente, revivia o dia em que fora rudemente empurrado para a lama pelos colegas da escola — descobrindo, em seguida, a mais esguia das mãos brancas estendida para o ajudar a levantar-se. Como se agarrou a ela, àquele anjo, imaginando-a a sua tábuca de salvação! Passara dias a compor poesia em sua honra e a desenhar retratos que nunca faziam justiça à sua beleza, esperando pelo momento certo para confessar o seu amor — apenas para a descobrir nos braços de um homem que ele jamais poderia ser: um homem alto, forte e destinado à grandeza. Rapsclullio tornara-se, então, a cada dia que passava, mais sombrio e mais retorcido pelo ódio que sentia. Os retratos que pintava da sua amada deram lugar a planos intrincados de vingança contra o homem que, sozinho, arruinara a sua vida: o rei Maurice.

Certa noite, um rugido ergueu-se no exterior dos portões do reino, um som diferente de todos os sons alguma vez ouvidos. O chão tremeu e uma língua de fogo cortou o céu, queimando os telhados de palha da aldeia. O rei Maurice e a rainha Maureen correram para o exterior do castelo e viram uma monstruosa

besta negra de asas cobertas de escamas do tamanho das velas de um navio, de olhos vermelhos como brasas. Atravessava furiosamente o céu noturno, sibilando o seu bafo sulfúrico e cuspidando chamas. Rapscurllio pintara um dragão numa tela mágica e o demónio ganhara vida. O rei fitou os rostos em pânico dos seus súbditos e virou-se para a sua mulher que, em sofrimento, se deixara cair de joelhos.

— O bebé — sussurrou ela. — Vai nascer.

Dividido entre o amor e o dever, o rei sabia o que tinha de fazer. Beijou a mulher, deixando-a deitada na sua cama, com as aias a assisti-la, e prometeu regressar a tempo de conhecer o seu filho. Depois, com uma centena de cavaleiros de armaduras de prata brilhante, ergueu bem alto a espada e cavalgou sobre a ponte levadiça do castelo montado numa onda de coragem e paixão.

Mas matar um dragão não é um feito fácil. Enquanto observava os seus leais soldados a serem arrancados das suas montadas e lançados para a morte pela besta de fogo, o rei Maurice soube que tinha de ser ele a resolver a situação. Tomou na mão esquerda a espada de um cavaleiro caído e, segurando com a direita a sua própria espada, avançou para desafiar o dragão.

À medida que a noite se tornava mais profunda e a batalha prosseguia violentamente fora das muralhas do

castelo, a rainha lutava por trazer ao mundo o seu filho. Como era tradição nos nascimentos reais, as fadas do reino chegaram trazendo presentes, no preciso instante em que o recém-nascido vinha ao mundo. Pairavam, brilhantes, sobre a rainha, que estava louca de dor e preocupação pelo marido.

A primeira fada lançou sobre a cama salpicos de luz, tão brilhantes que a rainha teve de afastar o olhar.

— Eu dou a esta criança sabedoria — disse a fada.

A segunda fada libertou um jorro de calor, rodeando a rainha que permanecia deitada.

— Eu dou a esta criança lealdade — prometeu.

A terceira fada planeava oferecer ao bebê real coragem, pois todas as crianças da realeza precisam de uma dose saudável de coragem. Mas, antes que pudesse fazer a sua oferta, a rainha Maureen sentou-se de súbito na cama, os olhos muito abertos com uma visão do marido no campo de batalha nas garras do feroz dragão.

— Por favor — gritou. — Salvem-no!

As fadas olharam umas para as outras, confusas. O bebê jazia no colchão, silencioso e imóvel. Tinham assistido a muitos nascimentos em que o bebê nunca chegava a inspirar pela primeira vez. A terceira fada esqueceu a coragem que planeava dar à criança.

— Eu dou-lhe vida — disse ela, a palavra rodopiando amarela dos seus lábios para a palma da mão. Com um beijo, lançou-a para a boca do recém-nascido.

Diz-se no reino que, no preciso momento em que o príncipe Oliver chorou pela primeira vez, o seu pai, o rei Maurice, dava o seu último grito.

Não é fácil crescer sem pai. Aos dezasseis anos, o príncipe Oliver nunca tivera uma verdadeira oportunidade de ser criança. Em vez de jogar à apanhada, tivera de aprender dezassete línguas. Em vez de lhe lerem histórias de embalar, teve de memorizar as leis do reino. Ele amava a mãe, mas parecia-lhe que, independentemente do que fizesse, jamais seria a pessoa que ela queria que ele fosse. Por vezes, ouvia-a nos seus aposentos, a conversar com alguém, e quando entrava não estava ninguém com ela. Quando ela olhava para o seu cabelo negro e os seus olhos azuis, e comentava como ele estava a ficar alto e parecido com o pai, parecia estar sempre à beira das lágrimas. Tanto quanto lhe era possível ver, havia uma diferença crítica entre si mesmo e o seu falecido e heroico pai: a coragem. Oliver era inteligente e leal, mas uma absoluta decepção no que dizia respeito à bravura. Num esforço para fazer a mãe feliz, Oliver compensava por excesso, passando os anos da sua adolescência a tentar fazer bem tudo o resto. Às segundas-feiras, presidia ao tribunal para que os camponeses pudessem

apresentar-lhe as suas disputas. Concebeu uma maneira de alternar as colheitas no reino, de tal modo que os armazéns se mantinham sempre cheios, mesmo nos invernos mais duros. Trabalhava com Orville, o feiticeiro do reino, para criar uma armadura resistente ao calor, para o caso de ocorrer mais algum ataque com um dragão (ainda que quase tivesse desmaiado de ansiedade quando tivera de testar a armadura, atravessando com ela uma fogueira). Tinha dezasseis anos, idade mais do que suficiente para ocupar o trono, no entanto, nem a mãe nem os seus súbditos pareciam ter pressa de que isso acontecesse. E quem os poderia culpar? Os reis protegem os seus países. E Oliver não tinha pressa nenhuma de entrar em combate.

Ele sabia porquê, claro. O seu próprio pai morrera empunhando uma espada; Oliver preferia manter-se vivo, e as espadas não faziam parte desse plano. Tudo teria sido diferente, se tivesse um pai que lhe ensinasse *como* lutar. Mas a mãe nem sequer permitia que ele pegasse numa faca de cozinha. A única recordação de Oliver de violência fingida era de, aos dez anos de idade, fingir lutar contra dragões e piratas no pátio, com um amigo chamado Figgins, o filho do padeiro real, mas certo dia Figgins desapareceu. (Oliver sempre se perguntou se a mãe não estaria por detrás de tal desaparecimento, num esforço para o impedir sequer de *brincar* às guerras.) O único amigo que Oliver alguma vez tivera depois disso fora,

na verdade, um cão vadio que aparecera na mesma tarde em que Figgins desaparecera. E embora *Frump*, o cão, fosse um ótimo companheiro, não podia ajudar Oliver a praticar as suas habilidades com uma espada. Assim, Oliver cresceu alimentando um segredo colossal: estava encantado por nunca ter partido para uma batalha ou combatido num torneio, nem mesmo esmurrado alguém durante uma discussão... porque, no fundo, sentia-se aterrorizado.

Este segredo, contudo, duraria apenas enquanto reinasse a paz. O facto de o dragão que lhe matara o pai ter desaparecido para lá das montanhas e ficado adormecido durante dezasseis anos não significava que não estivesse a planear uma nova visita. E, quando isso acontecesse, todas as leis que Oliver decorara e as línguas que falava de nada serviriam sem a lâmina afiada de uma espada para as apoiar.

Certo dia, quando o tribunal de disputas se aproximava do fim, *Frump* começou a ladrar. Oliver deslizou o olhar pelo comprimento do grande salão e viu uma figura solitária, envolta da cabeça aos pés num manto negro. O homem caiu de joelhos à frente do trono de Oliver.

— Vossa Majestade — suplicou —, salvai-a.

— Salvar quem? — perguntou Oliver. *Frump*, que sempre fora bom a avaliar o carácter dos homens, mostrou os dentes e rosnou. — Calma, rapaz — murmurou Oliver, e estendeu a mão ao homem para o ajudar a

levantar-se; por um momento, o homem hesitou, e depois agarrou-se como se se estivesse a afogar. — Qual é o vosso problema, bom cavalheiro? — perguntou Oliver.

— A minha filha e eu vivemos num reino muito distante. Ela foi raptada — sussurrou. — Preciso de alguém que a possa salvar.

Tratava-se de algo muito diferente do que Oliver normalmente ouvia — que um vizinho roubara a galinha de outro, ou que os vegetais no canto sul do reino estavam a crescer mais depressa do que os do canto norte. Oliver teve uma breve visão — ele, envergando uma armadura e cavalgando para salvar a donzela em apuros — e de imediato sentiu que ia vomitar o almoço. Aquele pobre homem não podia saber que, de todos os príncipes do mundo, escolhera o maior cobarde.

— Decerto haverá um outro príncipe mais adequado para a tarefa — disse Oliver. — Afinal de contas, sou uma espécie de noviço.

— O primeiro príncipe com quem falei estava demasiado ocupado com uma guerra civil no seu reino. O segundo príncipe ia partir em viagem para conhecer a sua noiva. Vós sois o único que se mostrou, sequer, disposto a ouvir-me.

A mente de Oliver corria veloz. Já era suficientemente mau que *ele próprio* soubesse que era tímido, mas e se a notícia da sua cobardia se espalhasse para

lá do reino? E se o homem regressasse à sua aldeia e dissesse a todos que o príncipe Oliver mal era capaz de lutar contra uma constipação... quanto mais contra um inimigo?

O homem tomou o silêncio de Oliver por hesitação e retirou do manto um pequeno retrato oval.

— Esta é a Seraphima — disse.

Oliver nunca vira uma rapariga tão bela. O seu cabelo era tão claro que cintilava como prata; os seus olhos tinham o tom violeta dos trajes reais. A sua pele brilhava como o luar, colorida apenas por um ténue rubor nas faces e nos lábios.

Oliver e Seraphima. Seraphima e Oliver. Tinha uma bela sonoridade.

— Descobri-la-ei — prometeu Oliver.

Frump olhou para ele e ganiu.

— Preocupar-me-ei com isso mais tarde — murmurou-lhe Oliver.

O homem retrocedeu com gratidão e, por um brevíssimo instante, o seu manto abriu-se o suficiente para que Oliver visse um rosto retorcido e marcado, e para que *Frump* voltasse a ladrar. Enquanto o pai da rapariga saía do salão recuando, Oliver deixou-se cair no seu trono, a cabeça escondida nas mãos, perguntando-se com que raio teria acabado de concordar.

— De maneira nenhuma — disse a rainha Maureen.
— Oliver, o mundo lá fora é perigoso.

— O mundo aqui dentro também — realçou Oliver.
— Eu podia cair das escadas do castelo. Podia morrer envenenado com comida estragada no jantar de hoje.

Os olhos da rainha encheram-se de lágrimas.

— Isto não tem piada, Oliver. Podes morrer.

— Não sou o pai.

Mal Oliver o disse, arrependeu-se. A mãe baixou a cabeça e limpou os olhos.

— Fiz tudo o que pude para te manter em segurança — murmurou. — E estás disposto a deitar tudo isso a perder por causa de uma rapariga que nem sequer conheces?

— E se for *suposto* eu conhecê-la? — indagou Oliver. — E se eu me apaixonar por ela como a mãe se apaixonou pelo meu pai? Não valerá a pena correr o risco por amor?

A rainha ergueu o rosto e fitou o filho.

— Há algo que tenho de te contar — disse.

Durante a hora seguinte, Oliver permaneceu sentado, enfeitiçado, enquanto a mãe lhe contava a história de um rapaz chamado Rapsclullio e do homem mau em que se tornara; enquanto lhe falava acerca de um dragão e três fadas; sobre os dons que lhe tinham sido oferecidos aquando do seu nascimento, e do dom que não o fora.

— Há anos que temo que Rapsclullio regresse um dia — confessou. — Que leve de mim a última prova que tenho do amor do teu pai.

— Prova?

— Sim, prova, Oliver — explicou a rainha. — *Tu*.
Oliver abanou a cabeça.

— Isto não tem nada que ver com Rapsullio.
Apenas com uma rapariga chamada Seraphima.

A rainha Maureen tomou a mão do filho na sua.

— Promete-me que não vais lutar. Contra nada
nem ninguém.

— Ainda que eu quisesse, provavelmente não sabe-
ria como. — Ele abanou a cabeça, sorrindo. — Ainda
não descobri propriamente um plano para o sucesso.

— Oliver, foste abençoado com muitos outros ta-
lentos. Se há alguém capaz de ter sucesso, esse al-
guém és tu. — A mãe levantou-se, erguendo as mãos
para uma tira de cabedal que lhe envolvia o pescoço.
— Ainda assim, deves levar isto contigo.

Do corpete do vestido, puxou um minúsculo dis-
co circular que pendia da ponta do fio e entregou-o a
Oliver.

— É uma bússola — disse ele.

A rainha Maureen acenou com a cabeça.

— Pertencia ao teu pai — disse ela. — E fui eu
quem lha ofereceu. Está na minha família há várias
gerações. — Ela olhou para o filho. — Em vez de
apontar para norte, aponta para casa. — Ela sorriu,
perdida nas suas memórias. — O teu pai costumava
chamar-lhe o seu amuleto da sorte.

Oliver pensou no pai, corajoso e arrojado, a par-
tir para combater o dragão com aquele objeto preso à

volta do pescoço. Sim, levava-o para casa, mas não vivo. Engoliu em seco, perguntando-se como raio seria capaz de salvar aquela rapariga, sem ter sequer uma espada ao seu lado.

— Suponho que o pai nunca tivesse medo — murmurou.

— O teu pai costumava dizer que ter medo significava apenas que se tinha algo para que valia a pena regressar — disse a rainha Maureen. — E costumava dizer-me que tinha medo a toda a hora.

Oliver beijou o rosto da mãe e pôs a bússola em redor do pescoço. Enquanto deixava o grande salão, resignou-se ao facto de que a sua vida estava prestes a ficar muito, muito complicada.